

A importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de Geografia

Anderson Felipe Leite dos Santos

Maria Marta dos Santos Buriti

Universidade Estadual do Ceará
Programa de Pós-Graduação em
Geografia - PROP GEO

Revista GeoUECE
ISSN: 2317-028X

<https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/index>

FICHA BIBLIOGRÁFICA

SANTOS, A. F. L.; BURITI, M. M. S. A importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de Geografia. *GeoUECE* (online), v. 09, n. 16, p. 181-194, 2020.



A importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de Geografia

Anderson Felipe Leite dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba
andersonfelipeleitedossantos@gmail.com

Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Estadual da Paraíba
martaburitageo@gmail.com

Resumo: Neste artigo, pretende-se analisar a importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, considerando a necessidade recorrente que recai sobre os professores atualmente para que estes desenvolvam metodologias ativas e dinâmicas capazes de propiciar uma maior aproximação dos conteúdos com a realidade dos alunos. No momento em que os alunos conseguem visualizar e compreender os diferentes fenômenos que ocorrem no espaço geográfico de forma concreta, novas possibilidades de aprendizagem se abrem favorecendo a construção do conhecimento. É desta forma que, na aula de campo, os alunos podem estudar aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos que ocorrem diariamente, mas que, sem a devida abordagem, acabam passando despercebidos durante o seu dia a dia. É considerando as potencialidades metodológicas da aula de campo como instrumento qualitativo na construção do processo de ensino e aprendizagem que objetiva-se discutir a importância da aula de campo como metodologia didática em Geografia, apresentando, para isto, as experiências vivenciadas no contexto dos trabalhos de campo realizados no âmbito do Componente Curricular Geomorfologia, no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

Palavras-chave: Aula de campo, Espaço geográfico, Ensino de geografia, Metodologias.

Introdução

A Geografia tem um papel fundamental para entendermos a relação entre a sociedade e o meio nos diferentes níveis do espaço geográfico. Nesse sentido, os professores de Geografia, seja na educação básica ou no ensino superior, sempre precisam buscar meios que possam favorecer a aprendizagem dos conteúdos referentes a essa ciência tão complexa. É fundamental desenvolver metodologias que propiciem aos alunos a maior aproximação possível com os assuntos estudados, seja no âmbito da geomorfologia, ou de qualquer outro componente curricular. Em face disso, as aulas de campo surgem como uma possibilidade concreta para que os professores, buscando uma melhor compreensão das temáticas estudadas por parte dos alunos, criem espaços dinâmicos de aprendizagem.

Cordeiro e Oliveira (2011, p.03) relatam que a aula de campo é uma metodologia de ensino que:



Contribui para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises práticas da paisagem do ambiente observado, ampliando os seus horizontes geográficos ao ir além dos textos e das fotografias do livro didático, e permitindo o desenvolvimento de diversas habilidades nos alunos, tais como identificar, distinguir e ampliar os conhecimentos adquiridos nas instituições de ensino, comparando-a com a realidade do lugar em que os envolvidos estão habituados.

Assim, com a aula de campo é possível despertar no aluno o interesse em analisar as diferentes paisagens e relações que existem naquele determinado local onde foi realizada a experiência. Faz-se necessário que os professores de Geografia levantem questionamentos para os alunos para que, com base nas respostas, reflexões a respeito dos aspectos geográficos possam ser levantadas permitindo, o desenvolvimento de atitudes analíticas críticas. Segundo Pena (2013, p.03):

O objetivo principal da Geografia é entender a dinâmica do espaço, as formas do relevo, os fenômenos climáticos, as composições sociais e os hábitos humanos nos diferentes lugares, dentre outros aspectos que permitem auxiliar no planejamento das ações do homem sobre esse espaço.

Nesse sentido, a aula de campo se torna uma ferramenta metodológica essencial para entender os fenômenos que ocorrem no espaço geográfico, sendo possível através dela o aluno compreender diferentes fenômenos que ocorrem na sociedade e que, por diversas vezes, passam despercebidos durante o seu dia a dia. Para Vigotski (2007, p.92): “o aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas”. Desse modo, a aula de campo proporciona um amplo aprendizado sobre as diferentes áreas abordadas em geografia, possibilitando o aluno conhecer aspectos socioambientais, socioculturais e socioeconômicos, favorecendo a aquisição de muitas capacidades especializadas.

No artigo que aqui se apresenta o objetivo proposto consiste basicamente em discutir a importância da aula de campo como metodologia didática no processo de ensino em Geografia. As discussões apresentadas são fruto da aula de campo realizada pelo Componente Curricular Geomorfologia, do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

Referencial teórico-metodológico

A aula de campo como possibilidade metodológica no processo de ensino e aprendizagem em Geografia

O ensino de Geografia tem como pressuposto despertar nos alunos um olhar crítico sobre os diferentes fenômenos estudados que envolvem a sociedade e o meio, fazendo com que os discentes despertem a capacidade de observar, analisar e interpretar as diversas situações que ocorrem no espaço geográfico em escala local, nacional e global. De acordo com Santos (2006, p. 9): “está disciplina sempre pretendeu construir-se como uma descrição da terra, de seus habitantes e das relações destes entre si e das obras resultantes, o que inclui todas a ação humana sobre o planeta”.

Desta maneira, ao estudar a Geografia não basta apenas fazer uma descrição dos fenômenos estudados, por exemplo, quando está se trabalhando o relevo em sala de aula, faz-se necessário mostrar e explicar para os alunos a forma do relevo da região onde eles residem, pois, além dos alunos saberem a teoria, precisam compreender que aquelas determinadas formas influenciam na



organização socioespacial. Compreendendo desta forma, pode-se dizer que o professor que teve a oportunidade durante a sua formação acadêmica de participar de aulas de campo poderá realizar um campo com os alunos, para juntos conhecerem de perto algumas formas de relevo ou até mesmo outros aspectos presentes no espaço que se pretende analisar tais como: bacias hidrográficas, aspectos culturais daquele determinado lugar, entre outras questões que podem ser analisadas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs), as aulas de campo favorecem:

Uma participação ativa do aluno na elaboração de conhecimentos, como uma atividade construtiva que depende, ao mesmo tempo, da interpretação, da seleção e das formas de estabelecer relações entre informações. Favorece, por outro lado, a explicitação de que o conhecimento é uma organização específica de informação, sustentando tanto na materialidade da vida concreta como a partir de teorias organizadas sobre ela. Favorece, também, a compreensão de que os documentos e as realidades não falam por si mesmo; que para lê-los é necessário formular perguntas, fazer recortes temáticos, relacioná-los a outros documentos, a outras informações e a outras realidades (BRASIL, 1997, p.91).

Assim, é notório que a aula de campo é propositiva a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, contribuindo para uma aprendizagem mais eficiente. Nesse contexto, desde o momento em que os discentes saem do ambiente escolar, para aprenderem novos conhecimentos por meio de novas experiências, eles compreendem que a escola não se resume ao espaço “fechado” onde estão durante a semana para aprenderem o conhecimento sistemático. Isso acontece também durante a graduação, a partir do momento que os discentes vão a uma aula de campo, é possível compreender o conteúdo de uma forma mais dinâmica, conhecendo melhor aquele meio estudado e podendo fazer correlações com os aspectos teóricos já estudados em sala de aula. Além disso, durante a realização das atividades é possível estabelecer uma maior troca de conhecimentos entre os alunos e professores, favorecendo uma maior aproximação entre os mesmos.

De acordo com Pontuschka (2004, p. 260):

O meio é uma geografia viva. A escola, o córrego, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partidas para uma reflexão. Em um primeiro momento, pode-se descrever, utilizando os referenciais vivos para localizá-los; no entanto, é preciso ir além. Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir em geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares pobres. É preciso saber ver, saber dialogar com a paisagem, detectar problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer uma relação entre fatos verificados e o cotidiano dos alunos.

Levando em conta a realidade financeira das universidades e escolas públicas do Brasil, muitas vezes é difícil a realização de uma aula de campo para um local que exija um transporte para a locomoção dos discentes. Diante disso, alternativas podem ser pensadas, a exemplo da exploração de áreas próximas, cujo deslocamento não implique custos elevados, pois como relata Pontuschka (2004), em qualquer lugar pode se realizar um estudo do meio.

Assim, quando por exemplo, o professor de Geografia da educação básica estiver trabalhando a categoria geográfica lugar, poderá ir com os alunos no próprio bairro da escola para entrevistar os moradores perguntando se eles nasceram naquele bairro, se a família sempre morou naquele local, se há relações afetivas com o lugar, etc. Para Tuan (1983, p.83), “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se um lugar”. Desse modo, com base nessa aula de campo no próprio bairro da escola, o professor poderá trabalhar a categoria lugar, citada no exemplo, de forma com que os alunos entendam na prática e através da realidade vivida próxima a eles.



Metodologia

A realização deste trabalho encontra-se amparada em uma abordagem qualitativa, através da qual buscou-se uma compreensão dos aspectos estudados em sua totalidade e especificidade. A perspectiva qualitativa também foi norteadora da metodologia de ensino, haja vista que se priorizou a interpretação da realidade em sua multidimensionalidade e essencialidade.

184

Para realização da aula de campo, primeiramente houve uma ampla discussão nas aulas de Geomorfologia, durante todo o segundo semestre de 2018, no qual debateu-se assuntos que fazem parte do componente curricular, como a questão do relevo, bacias hidrográficas, entre outros conteúdos. Assim, através da aula de campo realizada no dia 24/11/2018 foi possível conhecer a estrutura geomorfológica dos municípios de Boa Vista, Cabaceiras, Boqueirão e Queimadas, localizados no estado da Paraíba.

No primeiro momento, realizado na parte da manhã, na cidade de Boa Vista, houve uma explanação de como se localizar através do mapa regional, a localização do planalto da Borborema e alguns detalhes sobre ele, as unidades geomorfológicas, o mirante do bravo no Lajedo do Bravo, o tanque natural, além da pequena bacia com a caatinga de grande porte e alta diversidade de espécies. No segundo momento, já na parte da tarde, observou-se o Rio Taperoá, na cidade de Cabaceiras, o Rio Boqueirão, na cidade de Boqueirão e a Serra de Bodopitá, na cidade de Queimadas.

Resultados e discussões

A aula de campo aconteceu no dia 24/11/2018, através do Componente Curricular Geomorfologia, ofertado no 3º período do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I, e se configurou como um momento de união entre a teoria e a prática, visto que, em um primeiro momento estudou-se os conteúdos em sala de aula, e, posteriormente fomos a campo observar e analisar os diferentes aspectos geomorfológicos de algumas paisagens do cariri e agreste paraibano.

A primeira parada durante o trajeto foi no lajedo do Bravo, no ponto denominado, de Mirante do Bravo, cuja coordenadas são: latitude 7° 21' 28" S e longitude 36° 14' 39" W, com altitude de 500 m. Neste local observamos, ficando de frente ao norte, todo o plutão do bravo, que estava à esquerda, incluindo a maior parte do lajedo, que estava à direita, no qual tinha toda a bacia sedimentar de Boa Vista, que está em um nível bastante plano, pois foi preenchida de sedimentos. Observando-se a bacia, foi possível detectar a bentonita, que é uma mistura de argilas, na maioria das vezes impuras.



Figura 01. Vista do Mirante do Bravo, na Cidade de Boa Vista, no Estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

O Plutão do Bravo, possui 580 milhões de anos, a idade que o magma se consolidou dentro da crosta, porém tem outra história, que é o momento que ele consegue romper a crosta, como granito e aparece na superfície. De acordo com Lages et.al. (2013):

O Plutão Bravo é um grande corpo magmático intrusivo que se cristalizou há aproximadamente 580 Ma, passando por sucessivas fases de soerguimento e metamorfismo até o seu afloramento entre o Jurássico e o Cretáceo, devido a um extenso soerguimento regional, relacionado ao evento que fragmentou o supercontinente Pangea.

O pluton aflora na superfície como consequência dos espaços que a crosta terrestre possui. Nesse contexto, o magma preenche esses espaços, transformando-o em corpos graníticos dentro da crosta, que se resfria e dá origem ao granito. O momento em que os granitos afloram na superfície é o momento que o material que ficava sobre o granito vai sendo removido, fazendo com que ele suba (afloramento). Dessa forma, a teoria do alívio de pressão mostra exatamente isso, ou seja, que havia muito material sobre o granito sendo removido, diminuindo a força exercida sobre ele, favorecendo o afloramento.

Na superfície, temos o lajedo com alguns empilhamentos de matacão, que é um fragmento de rocha de grande dimensão. Esses blocos são quebrados inicialmente de forma quadrada. Alguns vão ter um certo grau de arredondamento, através da esfoliação esferoidal, no entanto, só ocorrem esses arredondamentos em lugares com clima úmido. Para isso, os matacões arredondados precisam estar dentro de um manto do intemperismo, no regolito. O processo é feito pelo intemperismo químico, não sendo possível por dilatação, nem por variação de temperatura.



Figura 02. Matacões no Lajedo do Bravo, na Cidade de Boa Vista, no Estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

A formação dos tanques naturais, formas geradas pelos fatores endógenos, ocorrem com o processo de subida do plutão raso, que quebra a rocha, fazendo uma fratura. Geralmente os tanques naturais ocorrem próximos aos maciços rochosos, lajedos e nos chamados mares de pedra ou blocos (campo de matacões), aflorando em meio à típica vegetação de caatinga. No Lajedo do Bravo, só existia uma forma, por causa da dinâmica interna (processo de quebra), as famílias de fraturas com a mesma idade e mesma orientação Norte – Sul, quebram numa mesma linha.



Figura 03. Tanque Natural, no Lajedo do Bravo, na Cidade de Boa Vista, no Estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

Dentro do lajedo do bravo, observou-se uma bacia, que é uma área da superfície terrestre que drena água, sedimentos e materiais dissolvidos para uma saída comum num determinado ponto de um canal fluvial. Sendo composta pelos divisores, que são os delimitadores, os quais escoam a água até o fundo do vale; fundo de vale que é o ponto mais baixo, onde se acumula a maior quantidade de água e o canal fluvial. O rio da bacia é considerado intermitente ou temporário, só abastece a bacia quando chove.



Figura 04. Bacia seca, devido ao Rio ser Intermitente, no Lajedo do Bravo, na Cidade de Boa Vista, no estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

A caatinga é um bioma de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas. Porém, a caatinga do cariri é bastante degradada com pouca diversidade de espécies vegetais. No Lajedo do Bravo acontece algo que impressiona os biólogos (botânica) e os geógrafos (biogeografia), isto é, o tamanho das espécies de plantas que se encontram no local. Na estação chuvosa, a vegetação próxima da bacia observada se assemelha, em estrutura, a mata atlântica, porque surgem muitas espécies de plantas, ficando tudo muito verde. Para essas espécies de plantas, estarem nascendo neste local existe uma condição de armazenamento de água, 90% da água da chuva e do lajedo desce para o fundo do vale, proporcionando com que haja vegetação.



Figura 05. Vegetação próxima a bacia do lajedo do bravo, na cidade de Cabaceiras, no estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).



A variação de temperatura (termoclastia) são fraturamentos formados por variação de temperatura, ficando parecido com uma “laminação”, pois a temperatura não consegue entrar por muitos metros dentro do interior do lajedo, portanto, vai deslocando camadas (saindo as placas). Dessa forma, essa é a evolução típica do semiárido para esse granito, a datação, mostra que para baixar 1 metro do granito demora milhões de anos, sendo um processo lento realizado através do intemperismo físico, onde o granito esquentava muito durante o dia e esfriava durante a noite, ocasionando o processo de contração e dilatação, que com o tempo vai deslocando as camadas.

O fundo da bacia fica todo fechado, pois aprisionou-se os sedimentos, proporcionando que a topografia ficasse bem aplanada. No estudo realizado próximo a bacia, foi aberta uma trincheira de 1,60 metros para coletar material e fazer a classificação do solo. Logo depois, começou-se a trilhar por mais 1 metro, porém não foi encontrada nenhuma rocha, apenas sedimentos trazidos pela chuva. O solo foi classificado como Gleissolo, que não é típico do semiárido, e sim do brejo, no qual a água fica estagnada um período do ano, deixando o solo saturado. O horizonte “Glei” começa a 1,30 metros e vai até 1,60 metros, sendo um solo acinzentado (solos hidromórficos).



Figura 06. Trincheira aberta próxima a bacia para coletar material e fazer a classificação do solo, no Lajedo do Bravo, no Município de Boa Vista, no Estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

Os sedimentos criam uma capacidade de água, proporcionando o surgimento da vegetação que vai produzir bastante matéria orgânica. Antes da vegetação, o solo poderia até ser profundo, porém não seria rico em material orgânico. A vegetação, portanto, é um reflexo das condições do ambiente, refletindo um conjunto de fatores como os geológicos, pedológicos e climatológicos. A combinação desses fatores vai permitir o tipo de vegetação. Logo, os sedimentos são porosos, toda água que vem transferida do lajedo, infiltra e acumula, tendo um teor de umidade alta.

O Lajedo do Bravo é o primeiro lajedo do projeto geoparque, que consiste em “identificar, classificar, descrever, catalogar, georreferenciar e divulgar áreas com potencial para criação de geoparques no Brasil, bem como sugerir diretrizes para seu desenvolvimento sustentável, seguindo os preceitos da UNESCO”. (LAGES et al., 2018).

Destaca-se no Lajedo do Bravo, as pinturas rupestres do período pré-histórico brasileiro que retratam aspectos socioculturais das civilizações que ali viveram. Quando os primeiros grupos pré-



colombianos chegaram no local, há mais ou menos 36 milhões de anos atrás não sabiam pintar e nem gravar, então a primeira marcação de território (territorialidade) que houve foi o polimento dessas rochas. Logo após, veio outro grupo pré-colombiano e começou a fazer pinturas rupestres vermelhas que tinham diversos significados. Depois outras civilizações realizaram as gravuras rupestres da Tradição Itacoatiara, também territorializando o espaço. Essa última civilização riscou as figuras deixadas pelo primeiro, mostrando que não respeitavam a cultura deles. De acordo com Vialou (2000, p. 351):

A arte rupestre é uma marca muito importante da originalidade simbólica que se reflete e se define na extensão territorial em que ocorre. Assim, as pinturas e gravuras, espelham a identidade cultural da sociedade que as fez, tratando-se de uma expressão da consciência simbólica coletiva.

Dessa forma, a arte nasce com uma funcionalidade, no caso do lajedo, de mapear o local para quem sabe ler as imagens, encontra locais com abrigos e água, por exemplo.



Figura 07. Pinturas Rupestres Vermelhas e Gravuras Itacoatiara, no Lajedo do Bravo, na Cidade de Cabaceiras, no Estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

Em Cabaceiras, o Rio Taperoá fica bem próximo ao açude de Boqueirão, sendo o maior afluente do Rio Paraíba. É considerado um rio temporário que passa cerca de 2 meses com água e o restante do ano seca. O Rio Taperoá está bastante assoreado, porque chove em torno da bacia, promovendo a erosão superficial nas encostas e trazendo os sedimentos para dentro do leito do rio. A mata ciliar dentro do rio não é nativa, predominando a algaroba, árvore nativa do Peru.

O açude de Boqueirão é alimentado pela bacia do Rio Paraíba, tendo como divisor o próprio estado da Paraíba, que é o alto Rio Paraíba e o Rio Taperoá, que deságua também em Boqueirão. Ao chegar em Boqueirão estávamos a uma altitude de 420 metros e coordenadas: Latitude 7° 19' 20" S e Longitude 36 ° 8' 23" W. Em 1957, houve a inauguração do açude de Boqueirão, que tinha uma capacidade de 540 000 000 m³. Um levantamento batimétrico, feito em 2009, mostrou que o açude de boqueirão estava com uma capacidade de 411 000 000 m³, ou seja, já perdeu 136 000 000 m³, tendo como principal fator dessa perda o assoreamento.



Se o açude de Boqueirão mantiver o ritmo de assoreamento de 2009, em mais ou menos 100 anos o açude de boqueirão estará preenchido de sedimentos. Com a perenização do rio principal (Rio Paraíba), chegando água com uma maior frequência, o nível de assoreamento de boqueirão irá aumentar, pois a água não vem pura, entrando mais sedimentos. Dessa forma, a obra da transposição que tira água de uma bacia para outra é muito importante, pois proporciona a chegada de água em lugares que sofre com a seca. Entretanto, faz com que haja o assoreamento de forma mais rápida nos açudes, pois traz bastante sedimentos, fazendo os reservatórios de água perderem sua capacidade total.

Quando a transposição chegou a Boqueirão, em abril de 2017, o açude estava com 2,7 % da sua capacidade, nunca tendo chegado a esse nível tão crítico. Ao longo dos anos de 2017 e 2018, com as chuvas e a transposição, o açude passou de 20% da sua capacidade. Desse modo, com a transposição a região abastecida pelo açude de Boqueirão conseguiu reverter a situação da falta de água que só se agrava e não tinha nenhuma perspectiva de reverter a situação, pois, já estava passando a estação chuvosa de 2017, não tendo mais chances de chuva no ano. Logo, a obra da transposição mostrou um benefício social, pois atendeu todas as classes (pobres e ricos), das diversas cidades abastecidas por Boqueirão.

Tendo a segurança hídrica, a agricultura volta a todo vapor com a utilização de fertilizantes e agrotóxicos, deixando a qualidade da água baixa. O segundo ponto, que é o assoreamento, vai fazendo com que o açude perca a capacidade total de armazenamento.



Figura 08. Açude de Boqueirão, localizado na Cidade de Boqueirão, no Estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

No último ponto da aula de campo, podemos observar a Serra de Bodopitá, que se estende de Queimadas a Fagundes, sendo uma serra estrutural, pois é ligada com a movimentação tectônica, alinhada de leste – oeste. É composta, basicamente de granitos, granitoides brasileiros, com mais de 580 milhões de anos. No cariri paraibano, basicamente todas as rochas elevadas são bastante resistentes, por que resistem a ação do intemperismo e do desgaste. Na Serra de Bodopitá, dá para ver alguns matacões com algum grau de arredondamento.



Figura 09. Serra de Bodopitá, na Cidade de Queimadas, no estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

Na rodovia 101, “analisando” a Serra, estávamos a uma altitude de 473 m, com coordenadas: Latitude 7° 21’ 18,5” S e Longitude 35° 54’ 4” W. O principal processo evolutivo na Serra de Bodopitá, será a queda de blocos, ou seja, o rolamento por ação da gravidade. Dessa forma, há uma preocupação com as habitações construídas de forma irregular na base dos matacões. As pessoas que ali residem não veem perigo em morar no local, pois nunca houve um rolamento desses blocos. Todavia, o movimento dos blocos torna-se imprevisível diante da ação do intemperismo, o que requer monitoramento constante por parte das autoridades públicas locais.

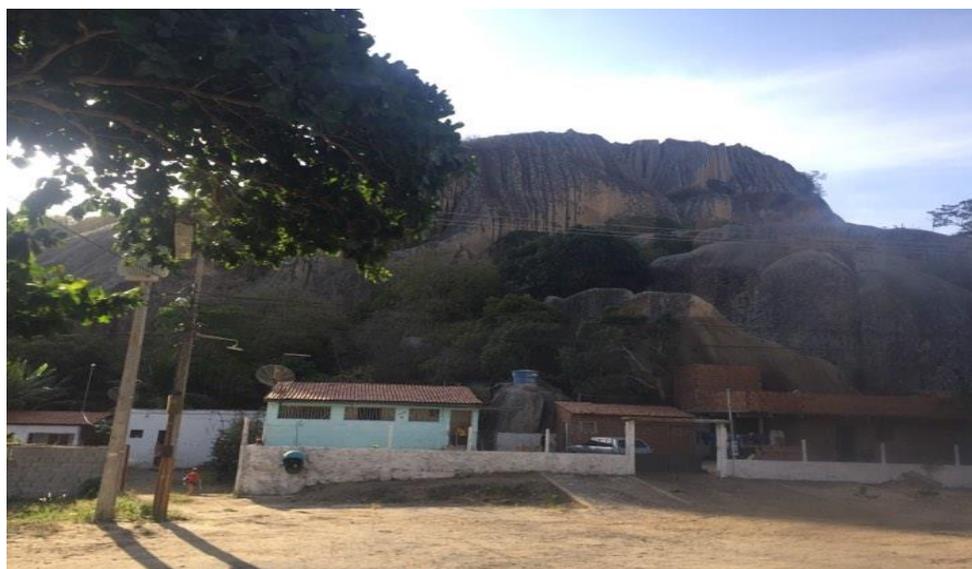


Figura 10. Casas na parte de baixo da Serra de Bodopitá, no Município de Queimadas, no Estado da Paraíba. **Fonte:** Santos (2018).

Nesse sentido, ao final da aula de campo realizada pelo Componente Curricular Geomorfologia, foi possível conhecer um pouco da estrutura geomorfológica das cidades de Boa Vista, Cabaceiras, Boqueirão e Queimadas, localizadas no estado da Paraíba. Dessa forma, houve o



conhecimento sobre o regime do Rio Taperoá, o Lajedo do bravo, no qual pode-se destacar os matacões, a vegetação e a bacia analisada, o Açude de Boqueirão e o seu processo de assoreamento, além da Serra de Bodoptá, que é composta basicamente por granito.

Desse modo, a aula de campo foi bastante proveitosa, pois aplicou-se os conhecimentos das aulas teóricas realizadas em sala de aula na prática realizada, o que proporcionou uma melhor compreensão dos assuntos estudados. A partir do estudo de campo realizado foi possível desenvolver habilidades diversas, como a leitura da paisagem e a apreensão dos fenômenos que compõem o espaço geográfico. Avalia-se, pela experiência vivenciada, que a aprendizagem não acontece apenas do ponto de vista dos conteúdos teórico-conceituais, mas também, pelos saberes práticos. Esse saber prático é essencial a leitura da paisagem, de mapas e cartas. Ou seja, é possível obter a identificação das formas de relevo, dos tipos de rochas, vegetação, aspectos culturais, possibilitando e favorecendo identificar e analisar a relação da sociedade com o meio em que está inserida.

Portanto, a aula de campo surge neste contexto como forma de inovação para o trabalho do professor, e como consequência, no despertar de sensações e emoções que não se encontrariam em uma aula tradicional, motivando o aluno a adquirir novos conhecimentos de forma prática e prazerosa. (SENICIATO; CAVASSAN, 2004).

Conclusão

Pode-se afirmar que é papel dos professores de Geografia buscar novas estratégias para fazer com que os alunos participem mais das aulas e entendam que todos os conteúdos estudados na disciplina fazem parte do seu cotidiano. Sob este ponto de vista, faz-se necessário que os professores sempre trabalhem os conteúdos contextualizados dentro da realidade vivenciada pelo aluno.

Nesse sentido, a aula de campo é uma metodologia didática que proporciona ao professor trabalhar o conteúdo considerando a realidade do aluno e, ao mesmo tempo, possibilita aos discentes conhecerem outras realidades ao explorar espaços que ainda não conhecem. Sendo assim, a partir da ligação teórico-metodológica com a prática, haverá uma melhor compreensão do conteúdo, pois será possível associar aquilo que aprendeu nas discussões em sala de aula, observando e analisando com base em um determinado espaço geográfico, favorecendo o processo de aprendizagem através da socialização dos conhecimentos sobre os diferentes aspectos geográficos abordados.

Logo, destaca-se o papel do professor de Geografia, que através do uso de metodologias de ensino diversificadas poderá oferecer alternativas na busca de novos conhecimentos geográficos, despertando nos alunos o interesse pela disciplina, estimulando a pesquisa e dando significado real da importância de se estudar a ciência geográfica para uma melhor compreensão e entendimento sobre o mundo.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.



CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves. **A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola.** Publicado em 2011. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7416>. Acessado em 20.Abr.2020.

LAGES, G. de A.; MARINHO, M. de S.; NASCIMENTO, M. A. L. do; MEDEIROS, V. C. de; DANTAS, E. L. & LAGES, G. A. et. al. **Geoparque Cariri Paraibano.** 2018. Disponível em: http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/20244/3/rli_geoparque_cariri_paraibano.pdf. Acessado em 10.Jul.2020.

PENA, Alves Rodolfo. **A importância da Geografia.** 2013. Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/importanciageografia.htm>. Acessado em 19.Abr.2020.

PONTUSCHKA, N.N. O conceito de Estudo de Meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. Campinas: Papyrus, 2004, p. 249-268.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço.** 4ªEd. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2006.

SENICIATO, Tatiana; CAVASSAN, Osmar. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência e Educação (Bauru)**, Bauru, v. 10, n. 1, p. 133-147. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 11 julho 2020.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

VIALOU, Agueda V. **O conhecimento das sociedades pré-históricas através do estudo da arte rupestre pré-histórica.** 2000. Disponível em: www.academia.edu/2183681/0. Acesso em: 11 jul. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos.** In: COLE, M.; JOHN-STEINER, V. (Org.). Tradução NETO, J. C.; BARRETO, L. S. M.; AFECHÉ, S. C. 7ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Cap. 6, p. 88-105.

THE IMPORTANCE OF FIELD CLASS IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF GEOGRAPHY

Abstract: In this article, we intend to analyze the importance of the field class in the teaching and learning process in Geography, considering the recurring need that falls on teachers today so that they develop active and dynamic methodologies capable of providing a greater approximation of the contents with the students' reality. At the moment when students are able to visualize and understand the different phenomena that occur in the geographical space in a concrete way, new learning possibilities open up favoring the construction of knowledge. It is in this way that, in the field class, students can study social, economic, cultural and political aspects that occur daily, but that, without the proper approach, end up going unnoticed during their daily lives. It is considering the methodological potential of the field class as a qualitative instrument in the construction of the teaching and learning process that the objective is to discuss the importance of the field class as a didactic methodology in Geography, presenting, for this, the experiences lived in the context of the work of field carried out under the Geomorphology Curricular Component, in the Full Degree Course in Geography at the State University of Paraíba.

Keywords: Field class, Geographic space, Geography teaching, Methodologies.



LA IMPORTANCIA DE LA CLASE DE CAMPO EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE LA GEOGRAFÍA

Resumen: En este artículo, pretendemos analizar la importancia de la clase de campo en el proceso de enseñanza y aprendizaje en Geografía, considerando la necesidad recurrente que recae en los maestros de hoy para que desarrollen metodologías activas y dinámicas capaces de proporcionar una mayor aproximación de los contenidos con la realidad de los estudiantes. En el momento en que los estudiantes pueden visualizar y comprender los diferentes fenómenos que ocurren en el espacio geográfico de manera concreta, se abren nuevas posibilidades de aprendizaje que favorecen la construcción del conocimiento. Es de esta manera que, en la clase de campo, los estudiantes pueden estudiar aspectos sociales, económicos, culturales y políticos que ocurren a diario, pero que, sin el enfoque adecuado, terminan pasando desapercibidos durante su vida diaria. Al considerar el potencial metodológico de la clase de campo como instrumento cualitativo en la construcción del proceso de enseñanza y aprendizaje, el objetivo es discutir la importancia de la clase de campo como metodología didáctica en Geografía, presentando, para ello, las experiencias vividas en el contexto del trabajo de campo realizado bajo el Componente Curricular de Geomorfología, en el Curso de Grado Completo en Geografía en la Universidad Estatal de Paraíba.

Palabras-clave: Clase de campo, Espacio geográfico, Enseñanza de geografía, Metodologías.

ANDERSON FELIPE LEITE DOS SANTOS

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista do PIBIC UEPB/CNPq.

Endereço: Rua Baraúnas, 351, Bairro Universitário. CEP: 58429-500; Campina Grande/PB.

E-mail: andersonfelipeleitedossantos@gmail.com

MARIA MARTA DOS SANTOS BURITI

Doutoranda em Geografia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Endereço: Rua Baraúnas, 351, Bairro Universitário. CEP: 58429-500; Campina Grande/PB.

E-mail: martaburitigeo@gmail.com
